A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO ATRAVÉS DA PINTURA EM TECIDO: DESENHO E CRIAÇÃO DE ESTAMPAS

Rosana Nitsch Pinheiro [1]
Evanir Felden [2]
Mickaela Figueiredo dos Santos [3]
Samyra Laís de Freitas de Castro [4]
Alexandra Padilha Kemp [5]
Grazielli Nascimento Bueno [6]

Instituição: Instituto Estadual de Educação Guilherme Clemente Koehler

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo Temático: Linguagem e suas Tecnologias.

1. Introdução:

O presente relato de experiência aborda a reconstrução da identidade afro-brasileira por meio da estamparia têxtil, articulando as disciplinas de Arte e História com alunos do 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II. A prática investigou o tecido africano não apenas como vestuário, mas como uma linguagem visual rica em ideogramas e formas geométricas, que funcionam como registros de memória, filosofia e patrimônio imaterial.

A realização deste projeto justifica-se pela necessidade de cumprir a Lei nº 10.639/03 de forma prática e significativa, superando abordagens teóricas e visões estereotipadas sobre a cultura africana. A escolha da estamparia manual permite que os estudantes compreendam o valor histórico da ancestralidade enquanto desenvolvem habilidades artísticas e de design. Ao manipular matrizes e criar suas próprias padronagens, os alunos conectam os saberes históricos ao fazer prático, reconhecendo o impacto dessa herança cultural na formação da sua própria identidade.

O objetivo desta experiência foi proporcionar aos estudantes a compreensão das grafias tradicionais africanas como suporte de linguagem visual, promovendo a criação prática de estampas autorais em superfícies têxteis de algodão.

2. Procedimentos Metodológico

O estudo e o desenvolvimento do tema foram realizados no espaço escolar, integrando as disciplinas de Arte e História com os estudantes dos 7º e 9º anos do Ensino Fundamental, totalizando 41 alunos envolvidos no projeto dos quais quatro atuam como autores e representantes nesta escrita. A metodologia combinou momentos de pesquisa teórica em grupo e produções práticas individuais, dividindo-se nas seguintes etapas interligadas:

1. Investigação e Coleta de Dados (Em Grupo): Os alunos foram organizados em pequenos grupos para realizar uma pesquisa guiada sobre a história, a simbologia e as funções sociais das padronagens tradicionais africana. As informações e referências visuais foram registradas em croquis e no caderno.

[1] Professora de Arte no Fundamental II
[2] Professora de História no Fundamental II
[3] Aluna do Fundamental II
[4] Aluna do Fundamental II
[5] Aluna do Fundamental II
[6] Aluna do Fundamental II

2. Criação Visual e Fabricação de Matrizes (Individual): De forma individual, cada estudante selecionou ou reinterpretou os padrões e símbolos de modo que dialogasse com sua própria história ou com valores coletivos da turma. A partir desse desenho, os alunos confeccionaram suas próprias estampas com desenho a mão livre.

3. Aplicação Prática Têxtil (Individual): Também individualmente, os estudantes realizaram a estampa manual dos tecidos utilizando tinta para tecido sobre retalhos padronizados de algodão. Durante esta etapa, foram explorados elementos da linguagem visual, como ritmo, repetição, simetria e contraste de cores.

4. Organização dos Resultados e Documentação (Coletiva): Os registros das atividades foram consolidados por meio de fotografias do processo, fichas técnicas individuais descritivas do significado de cada estampa e relatórios de observação das professoras. Ao final, a turma participou coletivamente da montagem de uma instalação têxtil na escola para a socialização dos trabalhos com a comunidade escolar.

3. Resultados e Discussões

A implementação do projeto alcançou plenamente o objetivo de utilizar as grafias africanas como linguagem visual e suporte para a criação autoral, gerando resultados que superaram a dimensão estética ao impactar a percepção histórica dos estudantes. Os dados foram analisados com base na observação direta e no acervo de produções obtido ao longo das etapas:

Na fase inicial, observou-se a superação de visões sobre a África. Ao investigarem a filosofia por trás dos ideogramas e das geometrias, os alunos passaram a reconhecer o tecido como documento histórico e registro de saberes ancestrais, e não como mero ornamento. Essa etapa fundamentou o cumprimento da Lei nº 10.639/03 de maneira contextualizada.

No plano prático, os estudantes concluíram a confecção de suas amostras de tecidos e desenhos. A análise dos retalhos evidenciou a aplicação autônoma de conceitos das artes visuais, como simetria, ritmo e repetição, comprovando que a manipulação tátil das ferramentas facilitou a fixação de conteúdos teóricos da disciplina de Arte.

O ponto alto das discussões ocorreu na transição entre a reprodução e a reinterpretação. A maioria dos alunos fundiu símbolos tradicionais africanos a elementos de sua história pessoal, demonstrando que a vivência prática fortaleceu o sentimento de pertencimento e a valorização do patrimônio imaterial.

A montagem coletiva da instalação têxtil permitiu que os estudantes atuassem como mediadores culturais. Durante a exposição escolar, os alunos explicaram com clareza o processo de confecção e os significados dos ideogramas para a comunidade, consolidando o aprendizado por meio da oralidade e do protagonismo juvenil.

4. Conclusão

A realização deste estudo demonstrou que a integração entre Arte e História, por meio da estamparia têxtil, configura-se como um caminho metodológico potente para a reconstrução da identidade e o fortalecimento do pertencimento nos estudantes do Ensino Fundamental. O projeto cumpriu com êxito os seus objetivos ao transpor o ensino da história e cultura afro-brasileira, do campo puramente teórico para uma vivência prática, tátil e reflexiva.

[1] Professora de Arte no Fundamental II
[2] Professora de História no Fundamental II
[3] Aluna do Fundamental II
[4] Aluna do Fundamental II
[5] Aluna do Fundamental II
[6] Aluna do Fundamental II

A partir da pesquisa dos símbolos ancestrais e da confecção autoral de estampas, os alunos deixaram de ser meros leitores para se tornarem produtores de linguagem visual. A experiência evidenciou o tecido como um valioso patrimônio imaterial e suporte de memória, permitindo que a turma superasse estereótipos sobre o continente africano e desenvolvesse competências de design, autonomia criativa e protagonismo. Por fim, o projeto reforça o papel da escola pública como espaço fundamental de valorização da diversidade, do resgate histórico e da democratização dos saberes científicos e artísticos.

5. Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 21 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 21 ago. 2026.

CAMARGO, Janete Santos da Silva Monteiro de; TERUYA, Teresa Kazuko; SOUZA, Izaque Pereira de. Os símbolos Adinkra como artefato visual e cultural. Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 29, n. 2, p. 1-17, 2024. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/10267. Acesso em: 21 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra. Espaço do Conhecimento UFMG, 2022. Disponível em: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/blog-espaco/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/. Acesso em: 21 ago. 2026.

[1] Professora de Arte no Fundamental II
[2] Professora de História no Fundamental II
[3] Aluna do Fundamental II
[4] Aluna do Fundamental II
[5] Aluna do Fundamental II
[6] Aluna do Fundamental II